

Editorial

A HORA DA PROVA

Um número por volta de 30 mil pessoas utilizou, ontem, o novo serviço de ônibus de Belo Horizonte, o Move, no primeiro dia útil de seu funcionamento. A julgar pelas observações de técnicos envolvidos na operação do sistema e de usuários, inclusive de representantes da imprensa, o Move foi aprovado.

Certamente, é prematura uma avaliação conclusiva. O Move, como é chamado o transporte rápido por ônibus (BRT em inglês), ainda é uma novidade e, como tal, está sendo recebido pelo público. Armados ou não de preconceitos, os primeiros usuários buscam ter a experiência para poder se manifestar.

Uma conclusão é inquestionável: o Move representa uma melhoria significativa no transporte coletivo de massa em Belo Horizonte e tem um diferencial importante com relação ao metrô, o ar-condicionado. Vários usuários se referiram a esse item que torna as viagens menos desconfortáveis.

Claro, o sistema ainda apresenta muitas dificuldades. Estas vão demandar tempo para ser superadas. Os usuários reclamaram das esperas, da falta de troco, dos painéis sem informação, das bilheterias fechadas e catracas emperradas. Não reclamaram do tempo das viagens e do excesso de lotação.

Os ônibus com passageiros em pé podem ser interpretados como uma aprovação do sistema. O tempo de viagem compensou esse desconforto. Quem optou por utilizar o transporte convencional se deu mal, sobretudo em corredores como a avenida Cristiano Machado. Alguns elogios foram ouvidos.

A experiência está só começando. Tomara que dê certo. Belo Horizonte e sua população estavam a merecer uma melhoria no transporte público. Por enquanto, estão operando só três linhas, com 18 ônibus. Queremos ver quando forem implantadas as 26 linhas prometidas para a área central, com 470 carros.

Será o caos total ou, oxalá, a solução por alguns anos – espera-se que muitos – para o transporte público na capital.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Mediolí
PRESIDENTE Laura Mediolí
VICE-PRESIDENTE Luiz Alberto de Castro Tito
DIRETOR EXECUTIVO Heron Guimarães
DIRETOR FINANCEIRO Marcos de Oliveira e Souza

GERENTE COMERCIAL
Fabiano Guerra

GERENTE DE TECNOLOGIA
Fábio A. Santos

GERENTE INDUSTRIAL
Guilherme Reis

GERENTE ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO
Walmir Prado

GERENTE DE MARKETING
Alessandra Soares

GERENTE DE CIRCULAÇÃO
Isabel Santos

GERENTE DE ASSINATURAS
Maria Beatriz Braga Rocha

EDITORIA EXECUTIVA
Lúcia Castro

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO
Michele Borges da Costa

ADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO
Murilo Rocha

CHEFE DE REPORTAGEM
Renata Nunes

EDITORES
Opinião: Victor de Almeida
Economia: Karlön Aredes
Política: Carla Kreeft
Magazine: Silvana Mascagna
Brasil/Mundo/Interessa: Aline Reskalla
Esportes: Denner Taylor
Cidades: Marina Schettini
Primeira: Frederico Duboc
Fotografia: Rejane Araújo

O.PINIÃO

NESTA TERRA TUDO O QUE SE PLANTA DÁ

Duke



www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica
fatimaoliveira@ig.com.br

Sem misericórdia para com as Santas Casas brasileiras

Vivem passando o pires, sob alegação de que vão fechar

Defendi, no Twitter, o #PelaEstatização das Santas Casas, por conta dos prováveis roubos na Santa Casa do Rio de Janeiro. Para o desembargador Gama Malcher, “Foi um rombo monstruoso”: o provedor Dahas Zarur vendeu 248 imóveis da instituição, inclusive túmulos nos cemitérios que controla, e ficou com a grana (“O Globo”, 5.3.2014).

Dahas Zarur foi para a Santa Casa do Rio de Janeiro em 1953; lá virou advogado e administrador de empresa; em 1967, chegou a diretor geral; e, em 2004, a provedor. Disse o desembargador: “É inacreditável... Nos contam histórias de arrepiar. O dinheiro saía da Santa Casa em sacolas de supermercado”. Os fatos colocam sob suspeição a administração das Misericórdias do Brasil, que merecem uma devassa, pela importância que elas têm para o SUS.

Há indícios de falcaturas em demasia, desde que algumas são propriedades familiares às eternas declarações de contas no vermelho: “passam o pires”, desde o Brasil Colônia, no governo – uma contradição, pois não há provedor de Santa Casa pobre, em geral são muito ricos e elas, um sumidouro de dinheiro público!

Foram criadas, em 1498, pela rainha d. Leonor de Lencastre, viúva de d. João II, inspiradas nas Santas Casas da Misericórdia de Florença, fundadas em 1244 por são Pedro Mártir. Sob o compromisso das 14 obras da misericórdia, eram instituições privadas laicas, porém cristãs, e caritativas, para assistir a pobres doentes e presos, expandidas depois para cuidar de crianças órfãs e abandonadas.

Nos primórdios, administradas pelos irmãos da misericórdia (Irmandade ou Confraria da Misericórdia), porém com manutenção da caridade pública e dos governos. O governo português delegou às Santas Casas o direito e controle único dos jogos de azar, chegando ao século XX donatárias de vultuosos recursos das loterias. Em solo português, são cerca de 400, excluindo a de Lisboa, estatizada em 1843, talvez por falcaturas! A ideia aportou no Brasil em 1543, quando Braz Cubas fundou a Santa Casa de Misericórdia de Santos!

Recebem do SUS, têm as isenções tributárias da filantropia. A maioria vive na Justiça do Trabalho. É a cultura de não pagar pelo trabalho.

O site da Confederação das Santas Casas de Misericórdia, Hospitais e Entidades Filantrópicas (CMB) afirma que hoje elas “somam mais de 2.500 e são responsáveis por cerca de 50% dos leitos hospitalares do país”. A CMB existe desde 10.11.1963 e a Confederação Internacional das Misericórdias, desde 1978, pois estão na Índia, China, nas Filipinas, no Japão e são mais de 400 na Europa.

Ventila-se que as Santas Casas respondem por 50% da assistência à saúde pelo SUS. Sem elas, o SUS ficaria em maus lençóis! Não entendo: recebem pelos serviços prestados ao SUS, têm as isenções tributárias da filantropia e contas perdoadas pelo governo. A maioria

vive na Justiça do Trabalho, herança do modus operandi na escravidão: eram senhoras de escravos e recebiam muitos de doações. É a cultura de não pagar pelo trabalho necessário. Jamais pediram perdão!

Escrevi em “Paralelos entre o SUS e a tragédia de William Shakespeare”: “Ninguém nega que, por aqui, abaixo de Deus, só as Santas Casas. Mas vivem passando o pires no governo, sob alegação de que vão fechar as portas. Isso tem nome, que nem preciso dizer... Tem razão o meu leitor: tais instituições não são mais de caridade; recebem por procedimentos feitos – aquilo que você já ficou rouca de dizer: o grande mérito do SUS foi acabar com o indigente da saúde. E é verdade: não há mais indigentes, há perambulantes...” (O TEMPO, 23.8.2011). Sem dúvida, há algo de podre no reino das Santas Casas a exigir providências, inclusive divina.

